A Festa de Casamento

Stephen King

Era o ano de 19?7 e nós estávamos tocando jazz em um boteco ao sul de Morgan, Illionois, uma cidadezinha a uns cem quilômetros de Chicago. Era uma zona absolutamente matuta, sem nenhuma cidade maior à distância de trinta quilômetros, em qualquer direção. Contudo, havia por lá um bocado de rapazes trabalhando nas fazendas, que ansiavam por algo mais forte do que audácia, depois de um dia calorento no campo, além de um bocado de supostas garotas amantes de jazz, saindo com seus namorados faroleiros. Havia também alguns homens casados (a gente sempre os identifica, como se eles usassem algum indicador do estado civil) andando bem longe das trilhas costumeiras, onde ninguém os conhecia, enquanto esfregavam coxas, nas danças com suas nada legítimas metades.

Isso era quando jazz era jazz, em vez de barulho. Tínhamos um conjunto de cinco homens - bateria, cornetim, trombone, piano, trompete - e éramos, danados de bons. Foi três anos antes de gravarmos nosso primeiro disco e quatro antes do cinema falado.

Estávamos tocando "Bamboo Bay", quando entrou aquele sujeito' grandalhão, usando terno branco e fumando um cachimbo mais enrolado do que uma trompa. A turma inteira estava um pouco alta nesse momento, mas todos ali dentro estavam absolutanjiente cegos e, de fato, sacudindo o ambiente. Não obstante, havia calma no boteco; não tinha havido uma só briga, a noite inteira. Todos nós, os músicos, deitávamos rios de suor, e Tommy Englander, o sujeito que dirigia o lugar, não parava de enviar-nos uísque de centeio, tão suave como uma tábua envernizada. Englander era um bom sujeito com quem se trabalhar e gostava do nosso som. Naturalmente, isso lhe dava um bocado de pontos em meu cadernininho.

O cara de terno branco sentou-se no bar e eu o esqueci. Encerramos aquela parte com "Blues da Tia Hagar",uma música que, lá no meio do mato, então passava por estimulante. Recebemos uma trovoada de aplausos. Manny tinha um enorme sorriso no

rosto, quando afastou o trompete na boca, e eu lhe bati nas costas, ao descermos do palco. Havia uma garota que parecia solitária, com um vestido de noite verde, que ficara de olho em mim a noite toda. Era ruiva e sempre tive uma queda por ruivas. Seus olhos e a cabeça ligeiramente de banda enviaram-me um sinal, de maneira que comecei a abrir caminho por entre o povaréu, a fim de saber se ela queria um drinque.

Estava na metade do trajeto para a ruiva, quando o homem de terno branco se postou na minha frente. Visto de perto, parecia um cara bastante durão. Seu cabelo espetava em pontas atrás da cabeça, embora cheirasse como um vidro inteiro de óleo Cremoso Wildroot. Além disso, tinha os olhos parados e estranhamente brilhantes de alguns peixes de alto mar.

- Quero falar com você lá fora - disse.

A ruiva desviou os olhos, fazendo beicinho.

- Isso pode esperar - respondi. - Deixe-me passar.

- Meu nome é Scollay. Mike Scollay.

Eu conhecia o nome. Mike Scollay era um contrabandista de segunda em Shytown, que pagava sua cerveja e suas farrinhas contrabandeando bebida do Canadá. Aquele ofício de alta-voltagem havia começado onde os homens usam saias e tocam gaitas de foles. Quando não estão epchendo as barricas, quero dizer. Seu retrato aparecera algumas vezes nos jornais. A última, tinha sido quando um outro candidato à cela da morte tentou furá-lo a balaços.

- Está muito longe de Chicago, meu amigo - falei.

- Trouxe alguns companheiros -disse ele. -Não se preocupe. Estão lá fo-

ra.

A ruiva deu outra espiada. Apontei para Scollay e dei de ombros. Ela fungou e me virou as costas.

- Viu? - falei. - Você me estragou a jogada.

- Garotas iguais a essa são como um níquel em um balde cheio, lá em Chi respondeu ele.

- Eu não quero um balde cheio.

- Lá fora.

Fui com ele para fora. O ar caiu fresco em minha pele, depois da atmosfera enfumaçada do boteco-clube, adocicado com o cheiro da alfafa recém-cortada. As estrelas se exibiam, suaves e piscando. Os capangas também se exibiam, mas não pareciam suaves e as únicas coisas piscando eram seus cigarros.

- Tenho um trabalho para você - disse Scollay.

- Oh, então é isso...

- Pago dois grandes. Pode dividi-los com a banda ou ficar com cem para vo-

cê.

- De que se trata?

- De um arrasta, o que mais poderia ser? Minha irmã está se amarrando. Quero que você toque para a recepção. Ela gosta de jazz. Dois de meus rapazes disseram que vocês tocam um bom jazz.

Já falei que Englader é um bom sujeito com quem se trabalhar. Ele vinha nos pagando oitenta pratas por semana. O cara do terno branco oferecia mais de duas vezes aquilo, por uma única sessão.

- Será de cinco às oito da noite, na próxima sexta-feira - disse Scollay. No Salão Filhos de Erin, na Rua Grover.

- É um bocado de grana - falei. - Por quê?

- Há dois motivos - disse Scollay.

Ele sugou seu cachimbo. Aquele artigo parecia deslocado, no meio daquela cara de vigarista. Ele devia ter um Lucky Strike Green pendurado na boca ou talvez um Caporal Doce. O Cigarro dos Vagabundos. Com o cachimbo, ele não parecia um vagabundo. 0 cachimbo o fazia parecer triste e esquisito.

- Dois motivos - repetiu ele. - Talvez tenha ouvido que o Grego quis acabar comigo.

- Vi seu retrato no jornal -falei. para a calçada.

- Muito espertinho - rosnou ele, mas sem periculosidade. - Estou crescendo demais para o Grego. Ele está ficando velho. Não tem visão das coisas. Devia voltar para a velha pátria, ficar bebendo óleo de oliva e olhando para o Pacífico.

- Penso que é o Egeu - falei.

- Pouco estou me lixando se foro Lago Huron -replicou ele. - A questão é que o Grego não quer envelhecer. E ainda quer acertar as contas comigo. Ele não distingue nada, mesmo que esteja à sua frente.

- Está se referindo a você, não?

- Você merece nota A.

- Em outras palavras, você me paga dois grandes, porque nosso último número poderia ter o acompanhamento de rifles Enfield.

A raiva estampou-se em seu rosto, porém também havia algo mais. No momento, eu não sabia o que fosse, mas creio que agora sei. Pareceu-me tristeza.

- Meu chapa, eu tenho a melhor proteção que o dinheiro pode comprar. Se algum engraçadinho meter o nariz, não terá oportunidade de fungar duas vezes.

- Qual é o outro motivo?

A voz dele saiu maciamente.

- Minha irmã vai casar com um italiano.

- Um bom católico, como você - rosnei suavemente.

A raiva estampou-se outra vez, como ferro em brasa e, por um minuto, achei que fora longe demais.

- Um bom católico-romano! Um bom e comum irlandês católico-romano, filho, e é melhor que não esqueça! - A isto, ele acrescentou, quase em voz inaudível: - Mesmo que tenha perdido a maior parte de meu cabelo, fique sabendo que era ruivo!

Comecei a dizer alguma coisa, mas ele não me deu chance. Girou-me e baixou o rosto, até nossos narizes quase se tocarem. Eu nunca tinha visto tanta raiva, humilhação, fúria e determinação no rosto de um homem. Hoje em dia nuca se vê essa expressão em um rosto branco, tão dolorida e dando idéia de insignificância. Todo aquele amor e ódio. Contudo, eu a vi em seu rosto aquela noite e compreendi que, se bancasse o engraçadinho algumas vezes mais, ficaria sem os fundilhos.

- Ela é gorda-ele quase sussurrou e pude sentir o cheiro de pastilhas de galtéria em seu hálito. - Muita gente andou rindo de mim pelas costas. Eles não riem quando posso vê-]os, fique sabendo disto, Sr. Tocador de Cornetim. Afinal, esse carcamano talvez tenha sido tudo que ela pôde conseguir. Só que você não vai rir de mim, dela ou do carcamano. E mais ninguém rirá, eu lhe garanto. Porque vocês vão tocar bem alto. Ninguém vai rir da minha mana.

- Você era o sujeito tentando engatinhar

- Nós nunca rimos quando estamos tocando. É difícil fazer as duas coisas.

Aquilo aliviou a tensão. Ele riu - um riso curto, latido.

- Vocês estarão lá, às cinco horas, prontos para tocar. Os Filhos de Erin, na Rua Grover. Também pagarei as despesas de ida e volta.

Ele não estava perguntando. Eu ainda estava indeciso, mas o homem não me dava tempo para discutir o assunto. Já se afastava em largas passadas e um de seus capangas

mantinha aberta a porta traseira de um cupê Packard.

O carro afastou-se. Fiquei lá fora mais algum tempo e fumei um cigarro. A noite era bela e agradável, Scollay parecia cada vez mais, algo que eu sonhara. Começava a desejar que pudéssemos trazer o palco da banda para o pátio de estacionamento e tocar, quando Biff me deu um tapinha no ombro.

- Está na hora - avisou.

- Certo.

Entramos. A ruiva tinha escolhido um marinheiro veterano que parecia ter o dobro de sua idade. Não sei o que um membro da Marinha dos EUA fazia no Illionois, mas no que me dizia respeito, que a ruiva ficasse com ele, já que tinha tão mau gosto. Eu não me sentia muito bem. O uísque barato me subira à cabeça e Scollay parecia muito mais real ali dentro, onde os vapores do que ele e sua gente vendiam eram fortes o bastante para flutuar no ar.

- Tivemos um pedido para "Campton Races" - disse Charlie.

- Esqueça-respondi, lacônico. Não tocamos essas coisas de negros depois da meia-noite.

Pude ver Billy-Boy retesar-se enquanto se sentava ao piano, mas depois seu rosto ficou normal outra vez. Eu devia dar-me pontapés rodando o quarteirão mas, droga, um homem não pode amordaçar a boca da noite para o dia, em um ano ou talvez em dez. E, naquela época, negro era uma palavra que eu odiava e estava sempre dizendo. Fui até ele.

- Desculpe, Bill... Não sei o que há comigo esta noite.

- Tudo bem - respondeu ele.

Contudo, ele me fitou sobre meu ombro e percebi que não aceitara minhas desculpas. Aquilo era ruim, mas eu digo o que era ainda pior - saber que ele se decepcionara comigo.

Em nosso próximo intervalo, falei a eles sobre a sessão de jazz, não mentindo quanto ao dinheiro e explicando que Scollay era um gangster (embora não lhes falasse sobre o outro que pretendia liquidá-lo). Também disse que a irmã de Scollay era gorda e que isso o tornava muito suscetível. Quem quer que soltasse alguma piadinha sobre baleias, poderia terminar com um terceiro buraco para respirar, em algum ponto acima dos outros dois.

Fiquei olhando para Billy-Boy Williams enquanto falava, mas era impossível ler alguma coisa naquela sua cara de gato andarilho. Seria mais fácil imaginar o que pensava uma noz, lendo as fissuras na casca. Billy-Boy era o melhor pianista que jamais tivéramos e todos lamentávamos os pequenos tropeços que ele provocara para nós, quando viajávamos de um lugar para outro. No sul era pior, natu-

ralmente - relegado aos últimos bancos em conduções públicas, às galerias superiores nos cinemas, coisas assim - mas o tratamento não era tão ruim no norte. De qualquer modo, o que eu poderia fazer? Hem? Quem souber, que me diga. Naqueles tempos, a gente convivia com essas diferenças.

Às quatro horas da tarde de sexta-feira, uma hora antes do combinado, chegamos ao Salão Os Filhos de Erin. Costumávamos usar um caminhão Ford muito especial, que eu, Biff e Manny hav:amos reformado. A parte traseira era toda fechada com lona e havia duas camas, também de lona, pregadas ao piso. Tínhamos até um fogareiro elétrico que podia ser ligado à bateria e havíamos pintado o nome da banda no lado de fora.

O dia estava na medida certa -um presunto-e-ovos, se você já viu algum, com pequenas nuvens brancas de verão lançando sombras nos campos. Contudo, mal chegamos à cidade, ela estava quente e fuliginosa, com a barulheira e movimentação a que a gente se desacostuma, em um lugar como Morgan. Quando chegamos ao salão, minhas roupas se cilavam ao corpo e precisei ir ao banheiro público. Também poderia ter usado uma dose do uísque de Tommy Englander.

Os Filhos de Erin era um grande edifício de madeira, anexo à igreja onde estava sendo casada a irmã de Scollay. Imagino que vocês conheçam lugares como esses, se forem adeptos da lástia - reuniões da Juventude Católica às terçasfeiras, bingo às quartas e uma festinha para a moçada nas noites de sábado.

Trotamos pela alameda, cada um de nós carregando seu instrumento em uma das mãos e parte da bateria de Biff na outra. Uma senhora magra, sem busto digno de menção, dirigia o trânsito no interior. Dois homens suados penduravam guirlandas de papel crepom. Havia um tablado para a banda na frente do salão, tendo sobre ela um estandarte e dois enormes sinos matrimoniais em papel cor-de-rosa. A inscrição em ouropel no estandarte, dizia FELICIDADES PARA MAUREEN E RICO.

Maureen e Rico. Macacos me mordessem, porque eu não via o motivo de Scollay ficar tão deprimido. Maureen e Rico. Francamente!

A dama magricela avançou para nós. Parecia ter muito a dizer, de modo que falei primeiro.

- Somos a banda - anunciei.

- A banda? - Ela pestanejou, olhando desconfiadamente para nossos instrumentos. - Oh! Eu pensava que fossem os fornecedores.

Eu sorri, como se fornecedores estivessem sempre carregando tambores de parada e caixas de trombone.

- Vocês podem... - começou ela.

Foi interrompida pela chegada de um janota magricela com uns dezenove anos. Um cigarro lhe pendia do canto da boca, mas que eu percebesse, aquilo nada acrescentava à sua imagem, exceto um olho esquerdo lacrimejando.

- Abram essa joça -disse ele.

Charlie e Biflfolharam para mim. Dei de ombros. Abrimos as nossas caixas e ele viu os instrumentos. Nada encontrando que parecesse algo capaz de ser carre-

gado e disparado, o cara voltou para seu canto e sentou-se em uma cadeira dobrável.

- Podem levar suas coisas para lá - prosseguiu a dama de poucas carnes, como se nunca a tivessem interrompido. - Há um piano na outra sala. Mandarei meus homens rodarem o piano para o palco, depois que acabarem de pendurar nossas decorações.

Bill já levava parte de seus tambores para o pequeno palco.

- Pensei que vocês fossem os fornecedores -repetiu ela, com ar confuso. O Sr. Scollay encomendou um bolo de casamento e ainda estão para chegar também os hors d'oein-res, os rosbifes e...

- Tudo chegará em tempo, madame -falei. -Eles recebem seu pagamento contra entrega.

- ...dois porcos assados, além de um peru. O Sr. Scollay ficará simplesmente ferioso se... - Ela viu um de seus homens parando para acender um cigarro, bem abaixo de uma guirlanda de crepon suspensa mais acima, e gritou, em voz estridente: - HENRY!

O homem deu um salto, como se o tivessem baleado. Eu fugi para o tablado da orquestra.

Estávamos todos prontos, faltando quinze minutos para as cinco da tarde. Charlie, o trombonista, tocava seu instrumento em surdina, enquanto Biffexercitava os pulsos. Os fornecedores tinham chegado às 16:20, e a Srta. Gibson (era o nome da dama magrela; ela possuía um bem sucedido negócio no ramo) quase se jogou sobre eles.

Tinham sido montadas quatro compridas mesas, cobertas de toalhas brancas, onde quatro mulheres de cor, de touca e avental, colocavam os lugares. O bolo fora conduzido em mesinha de rodas para o meio da sala, a fim de que todos pudessem vê-lo e ficar boquiabertos. Tinha seis camadas de altura, com a noiva e o noivo em miniatura postados no alto.

Caminhei para o exterior, a fim de tirar uma fumaça, e estava a meio caminho, quando os ouvi chegando - tocando buzinas, fazendo uma barulheira infernal. Fiquei onde estava, até ver o carro principal, dobrando a esquina do quarteirão abaixo da igreja. Então, terminei meu cigarro e voltei para dentro.

- Eles já estão vindo - anunciei à Srta. Gibson.

Ela ficou pálida e, realmente, balançou sobre os calcanhares. Ali estava uma dama que devia ter enveredado por uma profissão diferente - decoração de interiores, talvez, ou bibliotecária científica.

- O suco de tomates! - gritou ela. - Tràgam o suco de tomates!

Voltei para o tablado da banda e ficamos a postos. Já havíamos tocado em festas semelhantes - que banda não tocou? - e, quando as portas se abriram, iniciamos uma versão em ragtime da "Marcha Nupcial", em arranjo de minha autoria. Se alguém pensar que aquilo soava como uma espécie de coquetel de limonada, sou forçado a concordar. Contudo, na maioria das recepções em que a tocamos, todo mundo adorou, e ali não foi diferente. 0 pessoal batia palmas, gritava e

assobiava, depois começaram a conversar fiado,'uns com os outros. No entanto, a julgar pela maneira como alguns marcavam o compasso com os pés, enquanto conversavam, posso dizer que estavam bem sintonizados em nossa música. Continuamos tocando -eu achava que ia ser uma festa e tanto. Sei de tudo quanto se diz sobre irlandeses e a maioria é verdade, mas, droga! eles sabem divertir-se, quando decididos a isso.

De qualquer modo, devo admitir que quase estraguei todo o número, quando entraram o noivo e a enrubescida noiva. Trajando um paletó informal e calças listradas, Scollay atirou-me um olhar duro e, podem crer, eu o recebi em cheio. Consegui fazer uma cara de jogador de pôquer e o resto de meus companheiros seguiu a dica - sem que ninguém errasse uma nota. Sorte nossa. Os convidados do casamento, parecendo todos serem os cupinchas de Scollay e suas damas, já estavam de sobreaviso. Tinham de estar, se houvessem ido à igreja. Contudo, poderse-ia dizer que só ouvi fracos murmúrios.

Vocês devem ter ouvido falar em Jack Sprat e sua esposa. Bem, esta era cem vezes pior. A irmã de Scollay tinha os cabelos ruivos que ele estava perdendo eram compridos e anelados. Entretanto; não possuíam aquela tonalidade castanho-avermelhado que talvez imaginem. Não. A cor destes cabelos era vermelho Condado de Cork - vivo como uma cenoura e enrolado como molas de colchão. Sua compleição natural era de um branco-leite coalhado, porém as sardas eram demasiadas, para dizer-se com segurança. E Scollay havia dito que era gorda? Irmão, era o mesmo de quando se diz que compramos algumas coisinhas no Macy's. Ela era um dinossauro humano - cento e setenta e cinco quilos, no mínimo. Tudo tinha ido para o busto, traseiro e coxas, como geralmente acontece com moças gordas, tornando grotesco e algo amedrontador, o que deveria ser sexy. Algumas moças gordas têm rostos pateticamente bonitos, mas a mana de Scollay, nem isso tinha. Seus olhos eram demasiado juntos, a boca era grande demais e, para cúmulo, ainda tinha orelhas de abano. Sem falár nas sardas. Se fosse magra, ela ainda seria feia o bastante para parar um relógio - bem, uma vitrine inteira deles.

Tais detalhes, apenas, não fariam ninguém rir, a menos que a pessoa fosse uma débil mental ou somente venenosa. O hilariante era quando se acrescentava o noivo ao quadro - Rico -e então a gente tinha vontade de rir até chorar. Ele poderia usar cartola, e ainda continuaria na metade da sombra dela. Devia pesar uns quarenta e cinco quilos, por aí, e estava molhado de suor. Fino como um trilho, tinha uma tonalidade de pele oliva-escuro. Quando sorriu nervosamente, seus dentes pareciam as estacas pontiagudas de uma cerca, nos arredores de uma favela.

Nós continuamos tocando.

- Aos noivos! -gritou Scollay - Que Deus lhes dê toda felicidade do mundo!

E se Deus não der, proclamou seu trovejante semblante, vocês, os presentes aqui, é melhor que dêem - pelo menos hoje.

Todos gritaram sua aprovação e aplaudiram. Terminamos nosso número com um floreio e isso provocou novos aplausos. Maureen, a irmã de Scollay, sorriu. Céus, como sua boca era grande! Rico sorriu tolamente.

Por alguns momentos, todos vagaram de lá para cá, comendo queijo, salgadinhos e bebendo scotch contrabandeado de Scollay. Eu próprio acabei com três doses entre os números, e aquela bebida era de deixar o uísque de centeio de Tommy Englander apagado.

Scollay começou a parecer mais feliz - um pouco, afinal.

Chegou até o tablado onde tocávamos e disse:

- Vocês tocam muito bem, caras.

Vindo de um amante da música como ele, admito que era um cumprimento e tanto.

Pouco antes de todos se sentarem para a refeição, Maureen é que se levantou. De perto era ainda mais feia, e seu vestido branco (ali havia suficiente cetim branco, enrolado em torno da criatura, capaz de cobrir três camas) não ajudava nem um pouco. Ela perguntou se podíamos tocar "Rosas da Picardia" como Red Nichols and H is Five Pennies porque, segundo disse, era sua canção favorita. Embora gorda e feia, ela nada tinha de esnobe ou presunçosa -ao contrário de alguns dos convidados insignificantes que apareciam para fazer seus pedidos de músicas. Tocamos, mas não muito bem. Ainda assim, ela nos deu um sorriso doce, que quase a tornava bonita, tendo aplaudido quando encerramos.

Às 18:15 eles se acomodaram para comer e os empregados contratados da Srta. Gibson mandaram comida nos convidados. O pessoal avançou como um bando de animais, o que não constituía muita surpresa, entornando aquela bebida de alta-voltagem o tempo todo. Eu não podia deixarde espiara maneira como Maureen comia. Tentei desviar os olhos, mas eles continuavam voltando atrás, como que para certificar-se de que viam realmente o que pensaram estar vendo. Os comensais restantes empanturravam-se, mas ela fazia com que parecessem velhas damas em um salão de chá. Não tinha mais tempo para sorrisos doces, nem para ouvir "Rosas da Picardia"; podia-se colocar diante dela um cartaz anunciando MULHER TRABALHANDO. Aquela dama dispensava garfo e faca; precisava de uma pá e de uma correia deslizante. Era triste observá-la. E Rico (só se conseguia enxergar seu queixo, acima da mesa em que se sentava a noiva, além de dois olhos castanhos, tímidos como os de uma corça) atendia-a o tempo todo, nunca alterando aquele tolo sorriso.

Tivemos um intervalo de vinte minutos, enquanto transcorria a cerimônia de cortar o bolo. A Srta. Gibson alimentou-nos na cozinha. O forno ligado deixava o recinto quente como uma estufa e nenhum de nós sentia muita fome. A festança começara com indícios de tudo correto, mas agora eu a sentia errada. Podia lê-]o no rosto de meus companheiros músicos... e, quanto a isso, também no da Srta. Gibson.

Quando retornamos ao palco da banda, a bebedeira andava solta. Indivíduos de ar durão, cambaleavam por ali com sorrisos idiotas acima de suas canecas ou

permaneciam parados nos cantos, discutindo programas de corridas de cavalos. Alguns casais queriam charleston, de maneira que tocamos "Blues da Tia Hagar" (os imbecis adoraram) e " Vou dançar charleston em Charleston", bem como outros números parecidos. Coisas para quem aprecia jazz. As garotas rebolavam-se no salão ao som da música, exibindo as meias enroladas e sacudindo os dedos junto ao rosto, enquanto gritavam vu-du-di oh-du, uma frase que até hoje me dá vontade de vomitar o jantar. Lá fora estava ficando escuro. As telas haviam caído de algumas janelas, permitindo que entrassem mariposas e enxameassem em nuvens, ao redor dos lustres. E, como diz a canção, a banda continuava tocando. Os noivos andavam por ali - nenhum deles parecendo interessado em ir embora cedo - quase completamente negligenciados. O próprio Scollay parecia tê-los esquecido. Aliás, ele estava em total carraspana.

Eram quase 20:00, quando o sujeitinho esgueirou-se para o interior. Localizei-o imediatamente, porque estava sóbrio e parecia assustado; assustado como um gato míope, em terreno exclusivo para cães. Ele caminhou até Scollay, que conversava com uma garota de ar vivido bem junto do tablado da banda, e lhe bateu de leve no ombro. Scollay deu meia volta e ouvi cada palavra que os dois trocaram. Acreditem, eu gostaria de não ter ouvido.

- Diabo, quem é você? - perguntou Scollay rudemente.

- Meu nome é Demetrius -disse o sujeito. - Demetrius Katzenos. Vim a mando do Grego.

O movimento no chão estacou subitamente. Botões de paletós foram abertos e mãos desapareceram de vista debaixo de lapelas. Vi que Manny ficara nervoso. Raios, eu tampouco me sentia calmo. No entanto, nós continuamos tocando.

- Está bem - disse Scollay em voz quieta, quase reflexivamente.

O sujeito explodiu:

- Eu não queria vir, Sr. Scollay! O Grego está com minha esposa. Disse que a mataria, se eu não lhe desse seu recado.

- Que recado? - rosnou Scollay.

Sua fronte voltara a ficar anuviada.

- Ele disse... - O sujeitinho fez uma pausa, com expressão agoniada. Sua garganta funcionou como se as palavras fossem coisas físicas, ali apertadas, sufocando-o. - Ele mandou dizer que sua irmã é uma porca obesa. Ele mandou dizer... mandou dizer... - Seus olhos reviraram-se descontroladamente, ante a expressão imóvel de Scollay. Olhou de esguelha para Maureen. Ela dava a impressão de ter sido esbofeteada. - Ele mandou dizer que ela pegou uma comichão. Que quando uma mulher sente comichão nas costas,

compra um coçador de costas. Que quando ela sente comichão nas partes, então compra um homem.

Maureen soltou um grito estrangulado e correu dali, chorando. O piso balançava com sua corrida. Rico disparou atrás dela, com ar perplexo e torcendo as mãos.

Scollay havia ficado tão vermelho, que suas bochechas estavam realmente purpúreas. Eu quase esperava-talvez praticamente esperava-que seus miolos

espirassem pelos ouvidos. Vi aquele mesmo ar de louca agonia que vira na penumbra, fora da casa de Englander. Talvez ele fosse apenas um gangster barato, mas tive pena. Vocês também teriam.

Quando falou, sua voz era muito calma - quase branda.

- Ainda há mais?

O pequeno grego acovardou-se. Sua voz estava trêmula de angústia.

- Por favor, não me mate, Sr. Scollay! Minha esposa... o Grego a tem em seu poder! Eu não quero dizer estas coisas! Ele está com minha esposa, minha mulher...

- Não farei nada contra você - disse Scollay, ainda mais calmo. - Apenas, diga-me o resto.

- Ele mandou dizer que a cidade inteira está rindo do senhor.

Nós havíamos parado de tocar e houve um silêncio mortal por um segundo. Então, Scollay voltou os olhos para o teto. Suas mãos tremiam e ele as crispou diante de si. Tinha os punhos tão apertados, que pude perceber os músculos sobressaindo debaixo de sua camisa.

- ESTÁ BEM! - gritou: T ESTÁ BEM!

Caminhou apressadamente para a porta. Dois homens seus tentaram detê-lo, dizer-lhe que era suicídio, que o Grego não queria outra coisa, mas Scollay estava como que enlouquecido. Derrubou-os e correu para a negra noite de verão.

No silêncio que se seguiu, tudo quanto pude ouvir foi a torturada respiração do mensageiro e, em algum ponto ao fundo, o soluçar baixinho da noiva.

Nesse momento, o rapazola que nos detivera ao chegarmos, proferiu uma praga e correu para a porta. Foi o único.

Antes que pudéssemos chegar abaixo do enorme trevo de papel, o emblema nacional da Irlanda, pendurado no saguão, pneus de automóveis chiaram no pavimento e motores roncaram - um monte de motores. Aquilo soava como o Memorial Day*, no pátio de tijolos lá fora.

- Oh, meu Deus do céu! - gritou o rapazola, da soleira. - É uma maldita caravana! Abaixe-se, chefe! Abaixe-se! Abaixe-se...

A noite explodiu em pipocar de armas. Lá fora foi como a Primeira Guerra Mundial, por um minuto, talvez dois. As balas zuniam pela porta aberta do saguão e um dos globos de luz oscilando no alto terminou explodindo. No exterior, a noite brilhava com fogos de artifícios dos Winchester. A seguir, os carros partiram em disparada. Uma das garotas sacudia estilhaços de vidro dos cabelos cacheados.

Agora que o perigo terminara, os capangas restantes correram para fora. A porta para a cozinha escancarou-se e Maureen reapareceu. Tudo nela tremelicava. Seu rosto estava mais redondo do que nunca. Rico surgiu em sua esteira, como um atônito valete. Os dois desapareceram pela porta.

A Srta. Gibson apareceu no saguão vazio, de olhos arregalados e chocada. O

*(EUA) dia em memória dos soldados mortos na guerra. (N. da T.)

homenzinho que começara toda a confusão com seu telegrama cantado, àquela altura já se evaporara.

- Foi um tiroteio - murmurou a Srta. Gibson. - O que aconteceu?

- Acho que o Grego acabou de esfriar o pagador - disse Biff.

Ela olhou para mim, sem entender, mas antes que eu pudesse traduzir, BillyBoy falou, em sua voz macia e polida:

- Ele está querendo dizer que o Sr. Scollay acabou de ser liquidado, dona.

A Srta. Gibson se virou para ele, os olhos ficando mais e mais arregalados, e então desmaiou. Tive a impressão de que também eu acabaria desmaiando.

Foi quando, do exterior, chegou até nós o grito mais angustiado que já ouvi, em toda a minha vida. Era como um miado histérico, sustentando-se indefinidamente em prolongada nota. Não se precisava chegar à porta e espiar, para saberse quem dilacerava o coração lá na rua, carpindo o irmão morto, inclusive enquanto os tiras e novidadeiros dos jornais estavam a caminho.

- Vamos cair fora - murmurei. - Depressinha!

Quando ficamos com tudo embalado, já haviam passado cinco minutos. Alguns dos capangas tornaram a entrar, mas estavam demasiado bêbados e assustados para se meterem conosco.

Saímos pelos fundos, cada um de nós carregando parte da bateria de Biff. Devíamos ter sido uma parada e tanto, subindo a rua, para que ninguém nos visse. Eu ia à frente, com o estojo de meu cornetim debaixo do braço e um címbalo em cada mão. Os rapazes esperaram na esquina do fim do quarteirão, enquanto fui buscar nosso caminhão. Os

tiras ainda não haviam chegado. A obesa garota continuava agachada junto ao corpo do irmão, no meio da rua, uivando como uma banshee *, enquanto o minúsculo noivo corria à sua volta, como uma lua orbitando um enorme planeta.

Rodei até a esquina e os rapazes atiraram tudo na traseira do caminhão, de qualquer jeito. Depois, afastamo-nos dali a toda velocidade. Fizemos uma média de sessenta quilômetros horários por todo o trajeto até Morgan, por estradas secundárias ou não. Os capangas de Scollay não devem ter-se preocupado em apontar-nos aos tiras ou os tiras não nos deram importância, porque não soubemos deles.

Aliás, também não recebemos as duzentas pratas.

Ela chegou ao Tommy Englander's uns dez dias mais tarde, uma gorda jovem irlandesa em vestido negro de luto. O preto não lhe assentava melhor do que o cetim branco.

Englander devia saber quem ela era (sua foto saíra nos jornais de Chicago, junto à de Scollay), porque•a levou pessoalmente até uma mesa e forçou ao silêncio dois bêbados do bar, que haviam estado debochando dela.

*(Irlanda e Escócia) espírito feminino do folclore gaélico que, com seus lamentos, anuncia morte iminente na família. (N. da T.)

aenu muita pena dela, como às vezes sentia pena de Billy-Boy. É duro ser marginalizado. Não se precisa ser um marginalizado para saber, embora eu concorde quanto à gente não saber exatamente como é. E ela havia sido muita simpática, nas poucas palavras trocadas comigo.

Chegado o intervalo, fui até sua mesa.

- Sinto muito por seu irmão-falei, meio sem jeito. -Sei que ele realmente a apreciava muito e...

- Foi como se eu mesma apertasse aqueles gatilhos -respondeu ela. Olhava para as mãos e então percebi que eram o seu melhor traço, pequenas e graciosas. - Tudo que aquele homenzinho disse era verdade.

- Oh, não diga isso - repliquei, procurando consolá-la.

O que mais poderia dizer? Eu lamentava ter-me aproximado, ela falava de maneira tão estranha... Era como se estivesse absolutamente só e alucinada.

- De qualquer modo, não me divorciarei dele-prosseguiu Maureen. - Antes disso eu me mataria e minha alma penaria no inferno.

- Não fale assim - disse-lhe.

- Nunca teve vontade de matar-se? - perguntou ela, fitando-me apaixonadamente. - Nunca sentiu esse impulso, quando as pessoas o usam e depois se divertem à sua custa? Ou isso jamais lhe aconteceu? Talvez neyne, mas me desculpe se não acredito. Sabe o

que se sente, quando comemos sem parar, odiando-nos por isso, para então comermos mais? Sabe como é matar o próprio irmão, pelo fato de ser gorda?

As pessoas se viravam para olhar-nos e os bêbados recomeçavam as risadinhas.

- Sinto muito - sussurrou ela.

Quis dizer-lhe que também sentia. Quis dizer-lhe... oh, qualquer coisa, admito, qualquer coisa que a fizesse sentir-se melhor. Gritar, para atingir-lhe o âmago, debaixo de toda aquela gordura. Entretanto, não conseguia alinhavar uma só frase.

- Preciso ir agora - consegui dizer. - Temos que tocar mais um período.

- Oh, claro - respondeu ela, suavemente. - Claro que deve ir... ou eles começarão a rir de você. Aliás, o motivo de minha vinda aqui... Quer tocar "Rosas da Picardia"? Achei que tocaram muito bem, na recepção. Pode fazer isso?

- Naturalmente - respondi. - Será um prazer.

Tocamos. Contudo, ela foi embora na metade do número e, como canções do gênero são melosas demais para um lugar como o Englader's, nós a interrompemos e passamos para uma versão ragtime de "The Varsity Drag". Esta sempre é do agrado geral. Bebi muito aquele resto da noite e, pela hora de fechar, já esquecera tudo sobre Maureen. Bem, quase tudo.

Ao sair para a noite, ocorreu-me a idéia. O que eu devia ter dito a ela. A vida continua - era o que devia ter-lhe dito. É o que dizemos a uma pessoa, quando lhe morre um ente querido. Enfim, pensando bem, fiquei satisfeito por não haver dito. Porque, talvez, era isso que ela temia ouvir.

Sem dúvida, todos sabem sobre Maureen Romano e seu marido Rico, que sobreviveu a ela como hóspede dos contribuintes, na Penitenciária Estadual do flinois. Todos sabem como ela assumiu a medíocre organização de Scollay e transformou em um império durante a Proibição, isto é, a lei seca, rivalizando com o de Capone. Como ela eliminou dois outros líderes de quadrilha do North Side, abocanhando suas operações. Como ela teve o Grego trazido à sua presença e supostamente o matou, enfianderym pedaço de corda de piano por seu olho esquerdo até o cérebro, com ele ajoelhado à sua frente, babando, choramingando e suplicando misericórdia. Rico, o perplexo valete, se tornou seu braço direito, sendo responsável pessoal por uns doze sucessos como gangster.

Da Costa Oeste, onde estávamos gravando alguns discos bem sucedidos, segui as façanhas de Maureen. Estávamos sem Billy-Boy. Ele formara uma banda própria, não muito tempo depois de deixarmos o Englander's, um conjunto só de negros, que tocava Dixieland e ragtime. Eles se deram muito bem no sul e fiquei satisfeito com isso. Mereciam o sucesso. Para nós também foi boa a separação, porque muitos lugares não nos aceitavam, tendo um negro no grupo.

Afinal, era de Maureen que eu falava. Ela forneceu grandes noticiários aos jornais, não apenas por ser uma espécie de Ma Barker com cérebro, embora isso fizesse parte do

quadro. Ela era terrivelmente grande e terrivelmente feia, mas os americanos de costa a costa dedicavam-lhe uma estranha espécie de afeição. Quando Maureen morreu, de ataque cardíaco em 1933, alguns jornais disseram que pesava duzentos e cinqüenta quilos. Contudo, eu duvido. Ninguém pesa tanto, não é mesmo?

De qualquer modo, seu funeral ganhou as primeiras páginas. Era mais do que se poderia dizer sobre o irmão dela, que nunca passou da quarta página, em toda a sua mísera carreira. Foram necessários dez carregadores para o transporte do caixão. Havia uma enorme foto deles, salientando-se em um tablóide. Aliás, uma foto horrível de ver. O ataúde era do tamanho de uma geladeira de carne nos açougues - o que, de certo modo, não deixava mesmo de ser.

Rico não teve inteligência suficiente para continuar liderando sozinho a situação e acabou acusado e condenado por assalto com tentativa de morte, logo no ano seguinte.

Jamais consegui tira-la da lembrança, como nunca esqueci a maneira agoniante e humilde de Scollay naquela primeira noite, quando foi me falar sobre ela. Contudo, olhando para trás, não a lamento demais. Pessoas gordas sempre podem parar de comer. Sujeitos como Billy-Boy Williams, podem apenas parar de respirar. Até hoje não sei como poderia ajudar a qualquer dos dois, mas de vez em quando me sinto algo mal, quanto a isso. Talvez seja porque fiquei muito mais velho e já não durma tão bem como quando era novo. Só pode ser por isso, concordam?

Concordam?